

**DUALIDADE DO SER FEMININO
EM “MEMÓRIAS PÓSTUMAS DE BRÁS CUBAS”**

Kézia da Silva Calixto (UFT)

kzcalixto@gmail.com

Katia Carvalho da Silva Rocha (UFT)

kzcalixto@gmail.com

RESUMO

O trabalho a seguir objetiva fazer uma análise da presença do ser feminino na obra “Memórias póstumas de Brás Cubas”, de Machado de Assis, livro que inicia o período realista em terras brasileiras. É notório que com o tempo, especialmente na transição da estética Romancista para a estética Realista, as mulheres passaram a ganhar maior destaque na literatura. Entretanto, percebe-se que essas vozes femininas presentes nos textos, muito provavelmente, por serem escritas por homens, acabam sendo estereotipadas, problemáticas e sobretudo, machistas. Como Madame Bovary, que não tinha autodomínio, era materialista e enfim, morre de maneira muito trágica. Em “Memórias póstumas de Brás Cubas”, a dicotomia entre desconstrução / estereotipação é percebida especialmente em quatro personagens: Marcela, Eugénia, Virgília e Eulália (Nhá-Loló). As mesmas são trabalhadas como independentes, espertas, ao mesmo tempo que dissimuladas e interesseiras. Dessa forma, pretende-se, por intermédio dessa análise, questionar a presença feminina no referido romance machadiano, procurando perceber a dualidade na construção da mesma.

Palavras-chave:

Feminino. Realismo. Brás Cubas.

ABSTRACT

The following work aims to make an analysis of the presence of the female being in the work “Memórias Póstumas de Brás Cubas”, by Machado de Assis, book that begins the realistic period in Brazilian lands. It is evident that over time, especially in the transition from Romantic to Realistic esthetics, women became more prominent in the literature. However, it is clear that these female voices present in the texts, most likely, because they are written by men, they end up being stereotyped, problematic and above all being macho. As Madame Bovary, who lacked self-control, was materialistic and dies in a very tragic way. In “Memórias Póstumas de Brás Cubas”, the deconstruction / stereotyped dichotomy is specially noticeable in four characters: Marcela, Eugénia, Virgília and Eulália (Nhá-Loló). They are worked as independent, smart, while concealed and greedy. Thus, it is intended, through this analysis, question the female presence in the referred Machado novel, trying to understand the duality in its construction.

Keywords:

Feminine. Realism. Brás Cubas.

1. Introdução

Ao longo da história da literatura, personagens femininas foram mostradas como frágeis, sensíveis; descritas como amantes exacerbadas e na grande maioria das vezes, acabavam afundadas no desespero. Isso pode ser notado especialmente nas mulheres do Romantismo, estilo literário marcado pelos exageros. Pode-se tomar como exemplos *Iracema*, famosa personagem de José de Alencar, e *Teresa*, menina dos olhos de Camilo Castelo Branco: ambas faleceram de saudade do seu amado. *Iracema* morreu por *Martin*, *Teresa*, por *Simão*.

Personagens femininas do Realismo se diferem nesse sentido. Opondo-se aos ideais impostos pelo romantismo, de mulheres perfeitas, dóceis e amáveis, as moças realistas, como seu nome já sugere, aproximam-se mais do real do que do imaginário; seus medos, tensões e desejos são apresentados como um retrato mais fiel aos sentimentos humanos. Essas personagens deixam de ser totalmente submissas ao amor que sentem pelo sexo oposto e dedicam-se aos seus próprios orgulhos, tornam-se donas de si próprias. Observa-se isso especialmente em três personagens da obra “*Memórias póstumas de Brás Cubas*”: *Marcela*, *Eugênia* e *Virgília*. Segundo *Ribeiro* (1996),

Este romance é constituído numa sucessão de relações amorosas de *Brás Cubas*. A primeira, aos dezenove anos, com *Marcela*, uma espanhola de vida airada; a segunda com *Eugenia* – filha ilegítima de *Dona Eusébia*; *Virgília*, a noiva prometida e sonogada, foi o número três; *Nhá-loló* encerrou a lista. (RIBEIRO, 1996, p. 256)

Outrora, é possível observar que essa desconstrução do ser feminino é problemática, ora, algumas das personagens citadas acabam tendo um fim trágico, simbolizando que a liberdade que elas possuem é perigosa.

Desta maneira, esse trabalho objetiva fazer uma análise da dualidade do ser feminino em “*Memórias póstumas de Brás Cubas*”, procurando questionar se a dessacralização da mulher na literatura realista é realmente satisfatória e verossímil, ou se imagem construída desse ser nesse período da literatura não tem o efeito contrário: demonizar a mulher. Far-se-á tal análise a partir do percurso realizado pelas referidas personagens: *Marcela*, *Eugênia*, *Virgília* e, também, *Eulália*.

2. Marcela

Marcela era uma cortesã famosa por sua grande beleza física e

que tinha grande amor pelos bens materiais. Todos os seus amantes enchiam-lhe de prazeres e presentes, muitas vezes caríssimos, e dentre estes, Brás Cubas, o personagem-protagonista do romance “Memórias póstumas de Brás Cubas”.

Cubas conheceu a moça aos dezessete anos de idade, quando ainda era muito jovem. Marcela, ao perceber que ele a amava, tratou de se aproveitar da situação. Recebeu de Brás muitas joias belíssimas e muito valiosas. E não somente dele, de muitos outros cortejados também. Na adaptação cinematográfica da obra dirigida por André Klotzel (2001), observa-se em um plano sequência, em que Marcela esconde Brás Cubas de um dos amantes e depois esconde um dos seus amantes de Brás Cubas, para que eles não se encontrassem, revelando a imensa sagacidade e esperteza da moça.

O amor de Marcela pelos bens materiais até traz à memória a famosa canção de Monroe (1953), chamada “Diamond are girls best friend”, onde a persona criada por Marilyn afirma que,

Os franceses adoram morrer de amor/ Eles se divertem em duelos/
Mas eu prefiro um homemque viva/ E me dê jóias caras/ Um beijo na mão
pode ser sofisticado/ Mas os diamantes são os melhores amigos de uma
garota./ Um beijo pode ser grandioso mas não pagará o aluguel/ Do nosso
humilde apartamento, nem o ajudará com as refeições/ Os homens se tornam
frios ao passo que as garotas envelhecem/ E todos nós perdemos nosso
charme no fim das contas/ Mas quadradas ou como pêsas recortadas/
Essas pedras não perdem a forma/ Os diamantes são os melhores amigos
de uma garota. (MONROE, 1953)

Semelhantemente, Marcela não estava interessada em sentimentalismo, e sim, nos bens materiais que ganhava com as relações que mantinha. Assim sendo, ela demonstra amar somente a si mesma, isto é tanto que o narrador-defunto (Brás Cubas), finaliza desta maneira seu romance com a mesma: “Marcela amou-me durante quinze meses e onze contos de réis.” (ASSIS, 2017, p. 26). Descrevendo que a aventura dos dois acabou no momento que a mulher deixou de ter ganhos com isso.

Quando muitos anos depois Brás se reencontra com Marcela e vê que ela estava com feição doente e feia, se diz: “Vi-lhe um momento como para esconder-se ou fugir; era o instinto da vaidade que não durou mais de um instante. Marcela acomodou-se e sorriu: Quer comprar alguma coisa?” (ASSIS, 2017, p. 45). A mulher, mesmo que assustada ao rever Brás após tantos anos, manteve sua altivez e sua classe. Suas palavras, “quer comprar alguma coisa?”, revelam que apesar de sua desventura (estar doente), ainda era materialista. Isso é relevante, visto que, deixam

claro que mesmo depois das dificuldades que passou, Marcela não definiu de angústia, na verdade, permaneceu confiante e cheia de desejos, a sua essência permaneceu.

3. *Eugênia*

A segunda mulher peculiar que passou pela vida de Brás foi Eugênia. Sobre ela, se diz:

O pior que era coxa. Uns olhos tão lúcidos, uma boca tão fresca, uma compostura tão senhoril, e coxa! Esse contraste faria suspeitar que a natureza é, às vezes, um imenso escárnio. Por que bonita, se coxa? Por que coxa, se bonita? (ASSIS, 2017, p. 42)

O homem encantou-se pela beleza que possuía a jovem Eugênia, mas parte dele a desprezava por possuir uma deficiência física, é como se dissesse que ela não merecia ser bela e ao mesmo tempo, coxa.

Se pararmos para pensar no contexto histórico-social do século XIX, casamento era a coisa mais importante na vida de uma mulher, na realidade, uma moça se preparava durante vários anos para esse momento. Não ser concedida ao matrimônio era uma grande tristeza e desapontamento. E apesar de muito bela, Eugênia era deficiente, o que fazia com que os homens não a assumissem.

Por outro lado, mesm mediante de sua condição vulnerável, Eugênia não se deixou abalar, não entregou seu coração ao Cubas, visto que, estava ciente que ele só a usaria para fins sexuais. Foi sensata, realista e acima de tudo, firme. Ao ter conhecimento que em breve ele iria embora da Tijuca, Eugênia não se entregou ao pranto, ao contrário, disse-lhe: “Não e digo-lhe que faz bem.” (ASSIS, 2017, p. 43). E a descrição prossegue: “Quis retê-la, mas o olhar que me lançou não foi já de súplica, senão de império.” (ASSIS, 2017, p. 43).

Portanto, Eugênia mostrou uma grande firmeza, escolheu não passar a vida submetendo-se aos desejos de Brás ou de outro homem, mas aos seus próprios. Isso até mesmo relembra o que houve com o eu-lírico do poema *O adeus de Teresa* do escritor Castro Alves, onde foi a personagem feminina, Teresa, que disse o último adeus.

Quando voltei... era o palácio em festa! .../ E a voz d'Ela e de um homem lá na orquestra/ Preenchiam de amor o azul dos céus./ Entrei!... Ela me olhou branca... surpresa!/ Foi a última vez que eu vi Teresa!.../ E ela arquejando murmurou-me: “adeus!” (ALVES, 2019, p. 20)

Comumente à Teresa, foi Eugênia quem decidiu o futuro do casal e que tomou as rédeas da sua situação, não se lamentou ou demonstrou qualquer sentimentalismo, manteve sua compostura e permaneceu num patamar de superioridade, o que é bastante interessante, já que a obra revela que ela tinha somente dezessete anos, desta maneira, mesmo que muito nova, agiu com madureza.

4. *Virgília*

Por fim, tem-se Virgília, o grande amor da vida Brás Cubas. A relação do casal foi bastante intensa; não se tem dúvidas dos sentimentos de Virgília por Brás. Entretanto, a moça escolheu casar com um homem chamado Lobo Neves, pois, este lhe daria a oportunidade de ganhar maior prestígio social. Isso fica claro quando ela questiona Neves durante uma festa: “Me farás baronesa?” (ASSIS, 2017, p. 48). Sobre isso, Sousa; Martins; Pontes (2018), afirmam:

O matrimônio é discutido em Memórias Póstumas, assim como na maioria dos romances do autor, de forma comercial. A mulher casava-se para, de certa maneira, ascender financeiramente, porque não exercia nenhuma atividade remunerada antes e muito menos depois do enlace matrimonial. A condição de mulher casada dava algumas regalias na sociedade, desde o ingresso da mesma na roda dos políticos, como no meio dos intelectuais, já que era vista positivamente ao lado do marido, com a finalidade de influenciá-lo a ampliar os negócios da família. Esse olhar financeiro diante do casamento é notável quando Virgília escolhe Lobo Neves a Brás Cubas, pois o primeiro lhe daria um status mais elevado na sociedade e ela usufruiria tanto financeira quanto socialmente dos prestígios proporcionados por ele. (SOUSA; MARTINS; PONTES, 2018, p. 35)

O casamento não foi motivado por sentimentos amorosos exuberantes como era comum ao Romantismo, nesse caso, o matrimônio acontecia incentivado por convenções sociais baseadas em interesses, sobretudo, financeiros. Virgília nesse momento de sua vida não estava preocupada com amor, mas com sua posição social. Revelando uma das maiores características da estética realista, que o amor baseado em interesses socioeconômicos.

O Realismo procura apresentar a verdade. Esse tratamento verdadeiro do material, essa verossimilhança no arranjo dos fatos selecionados, unificados, apontado numa direção, é essencial, e se traduz também no uso de emoção, que deve fugir ao sentimentalismo ou artificialidade. Essa qualidade ainda aparece no modo de apresentar as partes: o realismo não se submete a uma visão demasiado ordenada da vida, o que lhe parece artificial, pois a vida tem um ritmo regular. (COUTINHO, 1996, p. 10)

A seguir, quando Cubas e ela iniciam uma relação extraconjugal, é dela quem parte o primeiro beijo, é ela quem escolhe o lugar onde se encontrariam, os dias em que isso aconteceria... Ou seja, Virgília quem estava sobre o comando de tudo. Saciou seus desejos por poder ao casar com um homem de destaque, assim como saciou seus desejos por amor e prazer, ao envolver-se com Cubas.

Virgília é mostrada na narrativa não como uma mulher frágil e sensível, mas independente e destemida. E quando a relação dos dois esfria, é Virgília quem decide terminar. “Numa casinha da Gamboa, duas pessoas que se amam a muito tempo, uma inclinada para a outra, a dar-lhe um beijo na testa e a outra a recuar, como se sentisse o contato de uma boca de cadáver.” (ASSIS, 2017, p. 87). A não aceitação do beijo na testa de Brás Cubas por parte de Virgília, foi decisivo para o término dos dois.

Percebemos o tema conjugal por meio da personagem principal da trama, Virgília, enfatizada por um ângulo mais formal do que emocional, pois nesta obra o que está em primeiro plano é a individualidade com suas contradições e ambiguidades, deixando, assim, o casamento e os casos amorosos em si num segundo plano. Talvez por isso, Virgília não tenha nunca abandonado seu casamento para assumir e viver o grande amor com Brás Cubas, preferindo, assim, o bem-estar social que seu marido lhe proporcionava às carícias amorosas de seu amante. (SOUSA; MARTINS; PONTES, 2018, p 36)

Diferentemente das mulheres retratadas na literatura até momento: mulheres frágeis e sentimentalistas, Virgília não se importa em afetos interpessoais, como o amor.

5. Eulália

Eulália ou, Nhá- Loló, em contraste, é única das mulheres que passou pela vida de Brás, que mostrou-se ser um pouco impotente, “Vou arrancar esta flor a este campo.” (ASSIS, 2017, p. 102), diz Cubas ao perceber que a moça estava envergonhada pelas ações do pai e por sua família em situação socioeconômica decadente.

Nos outros casos, o casamento (ou o não casamento) foi fruto da escolha das próprias mulheres, como com o que aconteceu com Marcela, que poderia casar-se com qualquer um que quisesse, mas optou por não o fazer, e com Virgília, que o fez em prol dos seus próprios benefícios. Eulália, no entanto, aparentemente precisava do casamento, que só seria salva de sua família desestruturada por intermédio dos laços matrimoni-

ais. E mais que isso, acaba por falecer muito cedo, aos dezenove anos. É como se Nhã-Loló fosse o bode expiatório do realista. Ora, era ela angelical, possuía um bom nome perante a sociedade, em outras palavras, a mulher ideal romântica. Ao falecer, deixa claro que aquele tipo de mulher, perfeita e ideal, inexistente.

6. Conclusão

Conclui-se, portanto, que há personagens femininas em “Memórias póstumas de Brás Cubas” que querem – e conseguem – ser donas de suas próprias histórias e há outras que, apesar dos seus esforços, não conseguem. Isso é reflexo da sociedade patriarcal e muito machista que dominava aquela época (século XIX), que colocava as mulheres num patamar de inferioridade, tanto na realidade como na fantasia. Ao logo do tempo, porém, as personagens femininas passaram a ter mais destaque nos textos literários e as mulheres reais, maior independência, seja ela financeira, psicológica ou física. Sobre as quatro mulheres, Sousa; Martins; Pontes (2018), finalizam:

As quatro mulheres que participam da vida amorosa de Brás Cubas diferem-se em vários aspectos umas das outras. Marcela representa o profano, a descoberta do prazer carnal, ao mesmo tempo em que significa avaréza, ambição e interesse financeiro. Eugênia representa a moça prendada, de família – mesmo não sendo fruto do matrimônio –, pronta para casar, mas infelizmente é coxa. “É bonita, mas é coxa”. Virgília é o grande amor de Brás Cubas. A mulher capaz de virar o seu mundo com um simples olhar. Virgília é plena de sedução, pecado, feitiço e, por que não dizer, uma mulher feita para o amor da cabeça aos pés. E Nhã-Loló tinha a beleza da conveniência social. (SOUSA; MARTINS; PONTES, 2018, p. 34)

Apesar de a maioria das personagens em “Memórias póstumas de Brás Cubas”, conseguirem se sobressair e ter mais destaque, é notório, também, como elas são representadas como dissimuladas, interesseiras, mentirosas e egoístas. Para Beauvoir (1970, p. 32), “se hoje não há mais feminilidade, é porque nunca houve.”, portanto, o percurso tomando pelos seres femininos nesta obra de Brás Cubas desconstroem o ideal de mulher perfeita para a sociedade patriarcal, enquanto cria o estereótipo de mulher interesseira e materialista, como nos casos de Marcela e Virgília. Também, traz um conceito de beleza impossível, mas que é cobrado pelas sociedades humanas, quando retrata Eugênia como bela e coxa, até mesmo chamando-a de “Vênus Coxa”. Marcela, depois de viver anos de luxo, termina na história como a “bixeguenta”, seu trágico fim, tal como

o de Madame Bovary, simbolizam que quanto independente for uma mulher, pior será. Desta forma, a dessacralização do ser feminino em *Brás Cubas* é problemático e dicotômico, pois, mesmo ao mostrar uma mulher não idealizada, constrói um feminino cheio de defeitos estereotipados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BEAUVOIR, S. *O segundo sexo: fatos e mitos*. 4. ed. Difusão Europeia do Livro. São Paulo: 2002.

COUTINHO, A. *A Literatura no Brasil: Era Realista, era de transição*. 2. ed. São Paulo: Global, 2004.

GUSTAVE, F. *Madame Bovary*. Europa-América, 2000. Disponível em: <https://kbook.com.br/wp-content/files_mf/madamebovarygustaveflaubert.pdf> Acesso em 11 maio 2019.

MACHADO, A. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. Santa Catarina: Editora A&A Studio de Criação Ltda, 2017.

MEMÓRIAS PÓSTUMAS de Brás Cubas. Direção e produção: André Klotzel, São Paulo, 2001. Disponível em: <<http://filmesepicos.com/2011/12/memorias-postumas-2011.html>> Acesso em 12jun 2019.

MONROE, M. *Diamond are girls best friend*. EUA, 1953. Disponível em: <<https://open.spotify.com/track/4GKpEXCbRjJRH6K3M5B662?si=ZOIzAFsXQ82eEmzhz8qIXg>> Acesso em: 19 out 2019.

RIBEIRO, L. *Mulheres de papel: um estudo do imaginário em José de Alencar e Machado de Assis*. Niterói-RJ: EDUFF, 1996.

SOUSA, C; MARTINS, F; PONTES, C. AS Mulheresinviáveis nas Memórias PóstumasdeBrás Cubas. In: *Revista Encontros de Vista*. 4. ed. 2018. Disponível em: <http://www.encontrosdevista.com.br/Artigo/gos/artigo_4.pdf> Acesso em: 25 maio 2019.